

Três reportagens de Alberto Morávia sobre cidades brasileiras

Folha de S.Paulo, 25.1.09

Índice

Brasília Barroca	1
Salvador de ouro e fé	4
Rio Alexandria.....	6
Um viajante incansável, de Adriana Marcolini	10

Brasília Barroca

Em visita à nova capital do país, Moravia a vê, de cima, como "um monte de bifés ensanguentados" estendido sobre o Planalto Central e, de baixo, como uma mescla de faroeste e civilização abstrata

Em Brasília, estamos diante de uma explosão barroca mascarada de funcionalismo

ALBERTO MORAVIA

Olhando do avião, o lugar onde está Brasília, situada, como se fosse por acaso, entre as infinitas ondulações horizontais do planalto (mas parece que, após cálculos muito precisos, este lugar foi escolhido por ser o mais central do Brasil), leva a pensar em um monte de bifés ensanguentados expostos no balcão de um açougueiro.

Formas quadradas mais ou menos vermelhas de acordo com a época mais ou menos recente das escavações de terra revelam as áreas destinadas à construção dos edifícios, que foram arrancadas da vegetação tropical.

O avião demora a aterrissar porque a pista não está livre, o que é frequente neste país com poucas estradas e poucas ferrovias, mas de aeroportos congestionados; e plana várias vezes sobre Brasília.

Coração de concreto

Eis a chamada cidade livre, um turbilhão de pequenos retângulos, ou melhor, de barracões, alinhados ao longo de uma rua enorme: como no "Far West", na época da febre do ouro, aqui se aglomeram os comerciantes que chegam aos montes de todos os lugares (é ouro, porém, o que o Estado brasileiro gasta em Brasília).

Eis, em pé aqui e ali, tal qual peças de dominó desordenadas, os ainda raros edifícios; eis a meia-lua azul do lago artificial entre o tom avermelhado de sangue das escavações e o amarelado da vegetação.

Eis as complicadas aortas pretas deste coração de cimento, melhor dizendo, o sistema viário planejado por Lucio Costa, o mais moderno do mundo, pelo que parece; eis, em volta de Brasília, o crescimento danoso e ingrato da mata, que, como sabemos, se prolonga por milhares de quilômetros, em meio aos quais a cidade caiu como um meteoro em chamas, sacrificando a terra árida com sangue.

Do alto, a vontade que deu origem a Brasília vem à tona com clareza: criar uma capital abstrata para um país enorme cuja unidade também é um milagre de abstração linguística e étnica; penetrar com a força do Estado no interior selvagem do Brasil, depois que as incursões individuais não deram grandes resultados; arrancar a classe dirigente brasileira das cidades costeiras preguiçosas e barrocas e obrigá-la a retomar com os meios modernos a marcha dos antigos colonizadores em direção ao interior. Brasília, capital burocrática, como Ancara [Turquia], como Washington, como Canberra [Austrália], saberá ela ser mais vivaz que essas cidades construídas pela força da vontade?

Acreditamos que sim, se não for por outro motivo, porque, como dissemos, a ambição de Brasília é dupla: não apenas se tornar a capital do país, mas também assumir a função de trampolim para a colonização e a civilização dos vastíssimos territórios do noroeste e do Nordeste.

Lilliput

O carro corre agora por uma grande rua asfaltada de largura imensurável entre duas faixas de uma mata amarelada e contorcida que parece sofrer por existir, em direção ao céu azul vazio.

Eis então surgirem lentamente no horizonte duas torres, ou melhor, dois retângulos estreitos e altíssimos, ligados por uma ponte, semelhantes às lentes de um binóculo gigantesco. É o edifício do governo [o Congresso Nacional], construído, como toda Brasília, segundo os projetos de Oscar Niemeyer, o arquiteto genial que teve a sorte de receber a encomenda não de um edifício ou de um conjunto de edifícios, mas de uma capital inteira.

As duas torres sobem, sobem, repletas de centenas de janelas; no final, abaixo delas surge um longo edifício horizontal sobre o qual pousam duas frigideiras enormes de cimento amarelado, uma virada para baixo e a outra virada para cima.

Por um momento os olhos não acreditam no que veem, uma vez que, enquanto até um arranha-céu altíssimo é aceitável justamente porque é geométrico, a naturalidade de uma sopeira que parece ser feita para o apetite de um gigante tem alguma coisa de alucinante.

E, de fato, por um instante sentimos que somos como os minúsculos habitantes de Lilliput e quase involuntariamente procuramos no céu vazio a forma ameaçadora de um novo Gulliver.

Não há gigantes; mas a impressão de gigantismo arquitetônico e, portanto, de esmagamento e aniquilação da figura humana permanece e se afirma durante toda a visita.

Brasília foi construída por vontade de Kubitschek, que é um presidente democrático, para um Brasil democrático.

Mas a observação daqueles edifícios que se elevam como torres no meio de enormes espaços vazios faz pensar em lugares e monumentos de antigas autocracias, por exemplo em Persépolis, que tinha suas colunas gigantes em frente a uma planície não muito diferente daquela de Brasília.

A atmosfera ditatorial é, por outro lado, confirmada pela solidão metafísica dos lagos de asfalto em que surgem os edifícios. Essas solidões urbanas antecipadas nas perspectivas

surrealistas de De Chirico e Salvador Dalí expressam muito bem o sentido de mistério e desorientação que o homem moderno sente diante dos poderes que o governam.

Mas talvez sejam impressões precipitadas, porque em Brasília as coisas foram feitas ao contrário: outrora surgiam inicialmente as casas de moradia, depois vinham os edifícios monumentais; em Brasília se começou com estes últimos; as casas de moradia serão construídas no futuro.

Antes de qualquer outra coisa, o Brasil é um país de arquitetos e Brasília é, antes de tudo, um experimento arquitetônico. Mas, para entender Brasília, é preciso, em nossa opinião, referir-se ao Brasil colonial da Bahia e das outras cidades barrocas do litoral. É bom que se fique sabendo, a relação não é formal e estilística, mas sim psicológica. Ao barroco delirante das igrejas coloniais corresponde de fato, no sentido psicológico, o gigantismo não menos exaltado de Brasília.

Orgulho de conquistador

Fica claro que estamos diante de uma explosão barroca mascarada de funcionalismo. Tomemos como exemplo o já descrito edifício do governo: a altura imensurável das duas torres encostadas de tal forma a não permitir que as janelas de dentro tenham nem sol e nem vista; a naturalidade extravagante das frigideiras gigantesas pousadas no terraço do edifício horizontal; a imensa ponte inclinada que leva do espaço para esse terraço, ou seja, a absolutamente nada, e que não tem outra função que não seja a decorativa -tudo induz a uma concepção grandiloquente, embora expressa com uma linguagem moderna.

Na verdade, houve aqui um toque de orgulho exatamente como em certas cidades da Antiguidade fundadas depois de uma conquista cruel. O orgulho de um país novo que, pela segunda vez na sua história, prepara-se para partir à conquista de si mesmo.

De resto, a confirmação da ambição especialmente monumental de Brasília está no interior desses prédios grandiosos que com muita frequência desiludem pelo conjunto e convencionalismo das soluções; é quase como se o entusiasmo da celebração tenha se esgotado nas principais estruturas, e não tenha havido a preocupação de cuidar dos detalhes.

À originalidade sedutora das fachadas não corresponde uma originalidade semelhante atrás das fachadas: salas sinuosas e imensas a perder de vista, com tetos excessivamente baixos, pontilhadas de robustas colunas cilíndricas que trazem saudades das tradicionais divisões de paredes e portas; escadas largas e sem balaústre, que levam do primeiro ao segundo andar sem nenhuma graça, tal como nas grandes lojas e nas docas;

principalmente cimento armado em todos os lugares, mesmo no revestimento e na decoração, onde se esperaria o uso de materiais mais bonitos e de mais prestígio.

Em resumo, o edifício tão corajoso por fora se revela preguiçoso e apressado por dentro. Não é possível negar que o julgamento aqui também é precipitado porque o edifício ainda não recebeu seus últimos retoques. [...]

Desumanidade

O pôr-do-sol nos surpreende, ao final da visita apressada a Brasília, de forma repentina e traidora.

Um momento antes o sol enchia com sua luz vital as grandes ruas asfaltadas e desertas, as escavações de coloração sanguínea, a vegetação poeirenta; um momento depois, eis que a sombra da noite retira aquela vitalidade do ar que escurece, e improvisadamente, enquanto nos dirigimos para o aeroporto, ultrapassados e seguidos por numerosos caminhões abarrotados de operários que voltam dos canteiros de obras, a atmosfera à nossa volta torna-se estrangeira e hostil.

A vegetação tropical que havíamos esquecido visitando os edifícios racionais da cidade aparece novamente, amarelada e decrépita, atrás da tatuagem roxa de algumas placas de ruas em néon.

As miríades de lâmpadas brancas que se distanciam na noite parecem penetrar em uma escuridão sem fim.

E de repente sente-se a falta, em meio a tanta monumentalidade dos edifícios estatais e tanta leveza nos asfaltos, das casas humildes e das ruas humildes que em outros lugares são o testemunho da presença de uma humanidade talvez pouco ambiciosa, mas fiel e enraizada.

Assim, depois da visita, Brasília reaparece como a havíamos imaginado do avião ao chegar: um ato de coragem pioneiro; o símbolo de uma vontade de conquista; a demonstração de uma possibilidade de longo prazo. À luz desta reflexão, o gigantismo de Brasília parece ter uma explicação; como o barroco das igrejas construídas nas cidades do litoral pelos primeiros colonizadores.

A íntegra deste texto foi publicada no "Corriere della Sera" em 28 de agosto de 1960.

Salvador de ouro e fé

Cronista vê capital baiana dividida entre a inocência da "praia" e a riqueza e decadência da "cidade"

As praias do Brasil são uma experiência que já faz parte da nossa cultura: a descoberta do paraíso

ALBERTO MORAVIA

Na Bahia, se o tempo está bom, convém deixar para depois a pesquisa estética e sociológica e ir para uma das suas famosas praias, nem tão distantes.

O inverno brasileiro, mais quente que qualquer uma das nossas mais calorosas primaveras, permite desfrutar dessas praias em solidão; pelo que parece, os baianos as frequentam só no verão. [...]

As glórias coloniais portuguesas repousam em dois ou três fortes à beira-mar; são sem pretensão, mas decorados por grandes brasões cheios de história, contrastando com a água enegrecida pelas pedras das quais os moleques saltam, em busca de caranguejos. Depois de passar os fortes, começamos a correr ao longo da praia; de um lado está o oceano verde e do outro aquela mistura de faíscas ofuscantes de sol e de saliências negras como o carvão, tal como é o campo nos trópicos. [...]

Quando chegamos à beira da praia, observamos o litoral.

Devem ser cinco, dez quilômetros de praia deserta, numa curva grandiosa cujo final se

perde na bruma do horizonte, com os coqueiros de folhagens ardentes que se distanciam a perder de vista, acompanhando fielmente, com suas colunas vegetais de uma regularidade e monotonia embriagantes, o alternar monótono e regular das ondas brancas e longas no oceano verde. [...]

As paisagens não estão mais na moda no jornalismo; depois de tê-las usado em demasia no passado, hoje se prefere indagar sobre os problemas sociais e econômicos dos países. Está certo, já passou o tempo das descrições ociosas e evasivas.

No entanto uma paisagem também pode ser uma experiência, se não social, pelo menos cultural.

Imaginar as colinas pedregosas da Ática, as águas azul-turquesa do Mar Morto não é suficiente, é preciso vê-las, pelo menos para situar fisicamente as extraordinárias experiências humanas pelas quais passaram.

É assim com essas praias atlânticas do Brasil. Elas são enaltecidas por uma experiência que já faz parte da nossa cultura: a descoberta do paraíso dos trópicos, inocente e virgem, por obra de pintores como Gauguin ou de escritores como Melville ou Stevenson.

A ilusão, em pleno século 19, de encontrar, no equador, o éden homérico e mediterrâneo. [...]

Homens-objeto

Na Bahia, durante 300 anos, teve o seu terminal a ponte da escravidão, que, do outro lado do Atlântico, enviava homens livres, agricultores, pastores e guerreiros, que só tinham a culpa de ter a pele negra, e vomitava-os no Brasil transformados em mercadoria sem vida, ou, como se dizia no linguajar mercantil, em "objetos da Índia" ou "objetos da Guiné".

Os negros que sobreviviam à terrível travessia eram recebidos em uma cidade em que inúmeras igrejas eram dedicadas ao Deus crucificado dos antigos escravos. Mas os homens são capazes de contradições dramáticas, especialmente se existe interesse de lucro. [...]

Por todos esses motivos, a atmosfera da "Bahia cidade" é muito diferente daquela da "Bahia praia": esta última é inocente, virgem, mítica; a primeira é sem inocência, sobrecarregada por um passado de prosperidade injusta e um presente de decadência fatal.

Tranquilamente, lentamente, inevitavelmente, nesta cidade tropical de aspecto mediterrâneo se manifesta a civilização colonial contrarreformista e escravista do primeiro Brasil, com efeitos e características bastante parecidos aos que se observam no sul dos Estados Unidos, com exceção do racismo, que, sobretudo por mérito da igreja, aqui não existe.

Os dois aspectos mais evidentes da Bahia são, de um lado, suas multidões africanas e, do outro, suas igrejas; de tal forma que, ao nos perguntarmos como podem existir tantas igrejas (são mais de 200 em uma cidade de meio milhão de habitantes, numa proporção maior que em Roma) justamente na Bahia, temos a tentação de responder: porque, justamente na Bahia, existem muitos habitantes de cor.

Em outras palavras, até o visitante mais inclinado à estética e à evasão não pode deixar de sentir que na Bahia existe uma ligação muito estreita, embora de difícil definição, entre a "negritude" e a abundância de igrejas, entre a antiga prosperidade (que desapareceu nos dias atuais) da sociedade colonial e o caráter da sua religião.

Remorso obscuro dos escravistas que, gastando para a glória de Deus o dinheiro ganho com o tráfico, procuravam inconscientemente se livrar de um sentimento de culpa? Ou um supremo esforço da igreja para absorver e digerir um mundo totalmente novo e

pagão? Provavelmente ambos. [...]

A cidade alta (Bahia, como Nápoles, está construída sobre colinas) se separa no silêncio e no deserto de algumas ruas antigas que serpenteiam em subidas íngremes, ladeadas por edifícios herméticos degradados; a cidade baixa, onde se concentra a população de cor, ao contrário, dá a impressão de se dissolver em lama e sujeira, em torno das águas negras do porto.

Tentem imaginar então um dia escuro e úmido, cheio de rostos melancólicos de negros, de trapos, de barracas de frutas tropicais, de alto-falantes emitindo vozes, pontos de venda de frituras, vendedores ambulantes de todos os tipos, de pequenas janelas escancaradas de onde as garotas mulatas paqueram, de flores já passadas, frutas apodrecidas, de chuva e de lodo: imaginem então dizer a si próprios, em um dia assim: "Bem, agora entro em uma dessas igrejas, me acalmo e descanso".

Então vocês entram e a primeira surpresa é que nas igrejas da Bahia, ao contrário das italianas, que durante o verão são geleiras, faz calor.

As igrejas são sufocantes e a sua arquitetura, ou melhor, a sua decoração, não traz serenidade e descanso porque, observando bem, repete, no campo da arte, a delirante proliferação tropical que já os deixou cansados fora da igreja.

As igrejas da Bahia, que são todas meio parecidas, como os tapetes persas, à primeira vista parecem ser, na nave principal e no teto, bastante simples e nuas. [...]

A obsessão com o ouro e com o delírio da vegetação é visível nessas grutas profundas e resplandecentes que são as capelas das igrejas da Bahia; e as raras cores com as quais se decoram os animais e as frutas são claras e brilhantes como aquelas dos grandes papagaios da floresta amazônica.

Pode-se dizer, resumindo, que os primeiros colonizadores extravasaram nesta decoração, esplendorosa e obsessiva, tanto a avidez que tinham do precioso metal como o medo da natureza hostil do país.

De qualquer forma, são capelas bem feitas para atrair a devoção dos escravos negros.

Elas parecem repetir, de forma natural, os locais sagrados das religiões pagãs da África. E para completar a alusão, não é raro que, no topo do altar, salte aos olhos, entre o ouro, o rosto de um santo negro segurando nos braços um Menino Jesus branquíssimo.

A íntegra deste texto foi publicada no "Corriere della Sera" em 1º de setembro de 1960

Rio Alexandria

As férias aqui são de cunho social e histórico: são férias que podem durar séculos

*Como nas grandes cidades
balneárias da Antiguidade, Rio
combina o prazer e a evasão a uma
forte sensação de melancolia*

ALBERTO MORAVIA

Quem sobe na montanha do Corcovado e se debruça sobre a plataforma na qual o horrível, gigantesco Cristo abre os braços em direção ao céu, tem uma vista quase completa do Rio.

É uma vista pitoresca e incrível, mas desprovida de unidade; cheia de acidentes e de particularidades surpreendentes, mas sem uma imagem clara; difusa e complicada, mas sem um centro. Vêm à mente os cenários naturais de certos retratos ou composições renascentistas, de uma fantasia mitológica e evocativa; só que aqui a natureza superou até a invenção mais fabulosa.

Montanhas eretas e nuas de formato estranho, águas que se insinuam entre as montanhas, desfiladeiros estreitos em que se escondem arranha-céus, lagoas rodeadas de jardins, o oceano pontilhado de ilhas e ilhotas, a floresta tropical densa e rugosa como um casaco de pele, parques quadrados e estádios esportivos redondos, um cemitério com todas as cruzes, fechado entre as paredes quase verticais de um barranco, bairros com as casas alinhadas ao longo de ruas retas como espadas ou amontoadas em colinas arredondadas semelhantes a formigueiros; tudo assombra e atrai, mas ao mesmo tempo escapa de uma visão de conjunto.

Cidade tentacular

Esta é a verdadeira cidade tentacular, segundo a velha e exagerada imagem.

Mas os tentáculos de casas que se insinuam por toda parte entre as inclinações das montanhas e se lançam para o mar não parecem ter início em nenhum lugar.

O único traço comum entre todos esses elementos espalhados é a faixa branca das praias que contorna fielmente as saliências e entradas do golfo. E toda a cidade parece descer e convergir em direção a essas praias, como para o seu ponto de encontro ideal. Assim, também desta altura, o caráter do Rio logo vem à tona. É aquele de uma imensa Cannes ou Biarritz, de uma enorme cidade balneária. Descemos do Corcovado, nos dirigimos a uma daquelas praias, Copacabana por exemplo. Estamos diante de uma vasta praia em forma de curva, [...] em torno da qual se alinham, paralelos, o oceano verde, a praia bucólica, a pista cinzenta do asfalto e a fileira dos altos edifícios brancos. O dia está calmo e, embora seja inverno, a praia parece lotada. Homens de sunga, bronzeados e nus, correm atrás de uma bola na praia, mulheres em biquíni passeiam ou se deitam na areia tomando sol. Na calçada, uma multidão que parece ser de veranistas caminha a passos lentos, ociosa e contemplativa. Automóveis grandes e luxuosos percorrem as ruas, levando nos amplos assentos mulheres pequeninas e muito morenas ou grupos de homens com fisionomias irascíveis e olhos entristecidos e encobertos.

Sempre e nunca em férias

Os edifícios que se alinham a perder de vista em torno do mar e da praia e se perdem na distância brumosa são novinhos em folha; têm o caráter luxuoso, brilhante, efêmero e monótono próprio dos produtos da especulação imobiliária. São prédios de moradia para gente rica, edifícios residenciais; no andar térreo ficam os acessos esplendorosos para hotéis e restaurantes, vitrines de lojas de moda, joalherias, antiquários. Da avenida à beira-mar partem, em ângulo reto, ruas transversais também ladeadas por edifícios modernos, com lojas de luxo no térreo; são ruas curtas que terminam bruscamente na lateral de montanha com a qual o Rio se confunde. Na verdade, Copacabana não é nada além de uma faixa de construções alinhadas ao longo da praia que justifica e alimenta a sua existência. Justamente como Viareggio, Cannes, Biarritz, o Lido. Este lindíssimo

passeio é percorrido com a sensação de estar em férias e com a certeza de que as outras pessoas têm a mesma sensação. Mas é uma sensação equivocada: o Rio nunca está em férias, justamente porque está sempre em férias. Com isso queremos dizer que, enquanto nas cidades balneárias da Europa o clima de férias dura cerca de três meses e nos outros nove volta a atmosfera simples, séria e enfadonha da província, aqui no Rio a temporada balneária se prolonga durante todo o ano. E não só porque as praias estão cheias o ano todo e ir à praia parece ser o principal objetivo do dia; mas também porque, ao longo do ano inteiro, continua o clima de férias na cidade. Não são, contudo, férias ocasionais e sem vínculo com a estação do ano, mas sim de cunho social e histórico. As férias próprias de determinadas fases da civilização e que podem durar até séculos. O que significa essa definição do Rio como uma imensa cidade balneária? Observando bem, o caráter muito particular que a cultura europeia assumiu após ter sido transplantada para essas praias é um indício do que isso significa. O que é na verdade uma cidade balneária? É um lugar de distração, de divertimento, de evasão, de sensualidade, de despreocupação, de irresponsabilidade; mas sem dar a essas palavras um sentido alegre. Ao contrário, os balneários são frequentemente muito melancólicos. Este era, justamente, o caráter das cidades do período alexandrino, na Antiguidade, ou seja, daquelas cidades em que a cultura antiga foi catalogada, embalsamada, divulgada e reunida com objetivos práticos e hedonistas, em um clima de cosmopolitismo mercantil. Alexandria, Éfeso, Antioquia, Pérgamo e tantas outras cidades do Oriente helenístico não deveriam ser muito diferentes do Rio. Mistura de raças, importância obsessiva do dinheiro, busca ansiosa do prazer, sensualidade, luxo, politicagem, intrigas financeiras, administrações ineficientes, festas frenéticas, fanatismo esportivo, todas essas características do Rio são encontradas nas cidades do período alexandrino.

Cultura transplantada

Um morador de Alexandria, no Egito, teria certamente compreendido melhor a explosão do Carnaval carioca ou o furor esportivo no estádio do Maracanã do que um cidadão da Atenas arcaica ou da Roma republicana. O que eram, em resumo, essas cidades antigas que nos deixaram uma lembrança tão precisa de um certo tipo de vida e civilização que, justamente por eles, foi chamada de alexandrino? O que elas não eram? Com certeza eram centros de difusão e divulgação de uma cultura transplantada, colonial e já em decadência. Não eram cidades em que aquela mesma cultura poderia ter tido suas origens, ter desabrochado com suas primeiras flores virgens. É certamente um fato obscuramente significativo que, enquanto os primitivos dos países europeus são realmente primitivos, os primitivos do Brasil são, ao contrário, os barrocos, isto é, os decadentes da Europa. Isso está presente na consciência dos brasileiros; tanto isso é verdade que se tentou remontar a outras origens, aos índios pré-colombianos que Cabral encontrou na sua chegada a esta terra. Mas os índios brasileiros não chegaram a ser nem ao menos primitivos; entre todos os ameríndios, eram os mais desprovidos e nus: e assim, na realidade, o Brasil começa onde termina a Europa renascentista. A semente plantada pelos conquistadores portugueses nesta terra demasiado fértil era uma semente de maturidade, se não de decadência; isso explica a naturalidade com a qual, nos últimos tempos, se passou, no Brasil, da igreja barroca ao arranha-céu.

O gigantismo, o informal, o coletivismo da cultura moderna de massa tiveram o caminho aberto graças à falência do humanismo renascentista, que foi incapaz de dominar a natureza desmedida e selvagem deste país. O verdadeiro Brasil não é Olinda, pequena cidade morta que levou três séculos para cobrir com lindos edifícios e igrejas uma ou duas colinas: mas São Paulo, que em poucos anos e por força dos arranha-céus saltou de meio milhão a 4 milhões de habitantes. No Rio, o Brasil de Olinda e o de São

Paulo coexistem e, pode-se dizer, refletem com eloquência a passagem de uma decadência de tipo europeia, resignada e melancólica, a uma de tipo americana, violenta, opulenta, veemente e triunfante.

Partida

Ao falar sobre decadência, é preciso entender o sentido a dar a essa palavra. Há um na Europa, uma vez que lá ainda sobrevivem os modos de vida e os monumentos do passado; outro na América, onde esse passado não existe, e a decadência se compara à planície ou à floresta. Resumindo, decadência, termo negativo na Europa, aqui se torna positivo e talvez devesse ser substituído por outro mais apropriado. Nesse sentido, é correto falar do Brasil como de um país do futuro, destinado a ainda mudar de cara muitas vezes antes de assumir sua fisionomia definitiva. Confirmando essa sensação de mistura de aspereza e decadência, lembro-me da partida do Rio e do Brasil.

Às 11 horas da manhã, o avião que deveria levar-me em nove horas do Rio a Nova York levantava com um voo silencioso e aparentemente imóvel no céu sobre a baía. Uma cidade imensa, que fervilha e que revelava ser muito populosa, surgia aos poucos entre as montanhas escuras e o oceano verde e luminoso.

Depois a aeronave tomou a direção do norte, o Rio desapareceu e começou a solidão do Brasil, com o litoral interminável sem um porto, sem vilarejo, tristemente verde e denso, decorado por espumas brancas, às vezes interrompidas pelas margens vazias de um rio cujo curso cintilante e serpentiforme subia a montanha em meio ao verde monótono do planalto. Era um dia tranquilo, voávamos a 10 mil metros de altitude, via-se o Brasil nitidamente, como em um mapa geográfico: e via-se que o Brasil era vazio. Os únicos indícios de presença humana eram os longos e tristes sinais dos incêndios que surgiam aqui e ali na floresta. Então, poucas horas depois, o céu começou a ficar nublado e o voo continuou entre colunas de nuvens, sob catedrais de nuvens, sobre pavimentos de nuvens. De vez em quando esses edifícios aéreos brancos abriam-se numa fresta verde e então se via novamente o Brasil, com a sua floresta e os seus rios, mais vazio que nunca.

No final, por volta do entardecer, através de uma fresta maior apareceu o rio Amazonas, símbolo fluvial do Brasil despovoado: uma longa, preguiçosa, opaca, enorme mancha amarelada com a forma e a expressão imóvel e maligna de uma grande pele de anaconda, deitada sobre a cobertura verde e densa da floresta. Do lado mais alto, a pele da anaconda se espremia e ficava perdida entre as névoas do crepúsculo; na direção do mar, alargava-se e dividia-se exatamente como uma pele de serpente que teve a cabeça cortada. Essa imagem majestosa e hostil se sobrepôs então àquela do Rio e complementou a lembrança.

A íntegra deste texto foi publicada no "Corriere della Sera" em 5 de outubro de 1960. Textos traduzidos por **ADRIANA MARCOLINI**

Um viajante incansável, de Adriana Marcolini

Já consagrado como autor de "Os Indiferentes" e "O Conformista", escritor chega ao Brasil enviado pelo "Corriere della Sera"

ADRIANA MARCOLINI

ESPECIAL PARA A FOLHA

A visita de Alberto Moravia ao Brasil, em 1960, faz parte de uma longa série de viagens do autor como enviado especial da imprensa italiana.

Em agosto de 1930, um convite para trabalhar no jornal "La Stampa", na época sob a direção do escritor Curzio Malaparte, introduz o jovem escritor no mundo do jornalismo. Para driblar o regime fascista, que o perseguia, Alberto Pincherle, que tinha então apenas 23 anos, resolveu adotar o pseudônimo com o qual ficou mundialmente conhecido.

Com uma nova identidade e cansado de respirar a atmosfera pesada do fascismo, Moravia foi enviado naquele mesmo ano para a Inglaterra, de onde escreveu seus primeiros relatos de viagem, publicados entre 1930 e 1932.

Tem início, assim, uma larga trajetória que o leva a visitar países geograficamente próximos à Itália, como a Grécia e a antiga Tchecoslováquia, ou com alguma afinidade cultural como a Espanha e a França, mas também distantes como os Estados Unidos e a China.

Ele percorre exaustivamente o Oriente Médio, a Ásia, a África e a América Latina.

Moravia dizia-se fascinado pelo Terceiro Mundo e nutria uma particular atração pela África, continente por ele definido como "a coisa mais bela que existe no mundo".

Durante nada menos que 60 anos dedicou-se à literatura de viagem. Seus últimos textos são sobre a Irlanda, onde esteve em julho e agosto de 1990, pouco antes de morrer, em setembro daquele ano.

Os artigos que o *Mais!* publica nesta edição são excertos dos relatos sobre o Brasil reunidos no livro "Opere - Viaggi, Articoli, 1930-1990" [Obras - Viagens, Artigos, ed. Bompiani, 33,57, R\$ 101].

Foram publicados no jornal "Corriere della Sera", de Milão, com o qual o escritor estabeleceu uma profícua colaboração, que se prolongou por 42 anos.

Provavelmente, o principal motivo que trouxe o autor ao Brasil tenha sido a inauguração de Brasília, em abril de 1960. Passados somente 15 anos do fim da Segunda Guerra, a nova capital carregava um forte simbolismo, com sua aura de modernidade e futuro, atraindo a atenção dos europeus sedentos de esperança.

A leitura dos artigos revela um sentido arguto de observação e o predomínio de textos límpidos e diretos -que era, aliás, o estilo de Moravia. O autor conheceu o sucesso em 1929, quando conquistou a crítica e os leitores com o romance "Os Indiferentes", cuja publicação foi custeada pelo próprio autor, graças a um empréstimo de seu pai. O mais pessimista e amargo de seus romances mostra a dissolução moral, a frieza e a indiferença no seio de uma família da burguesia italiana durante os primeiros anos do fascismo, apontando para o cinismo como a única regra no interior da sociedade.

Foram cinco edições em poucos meses, um êxito comercial para a época. A obra é um marco na literatura do "novecento", ampliando os horizontes da narrativa italiana. O escritor aprofunda sua linguagem e estilo neste livro, utilizando uma construção sintática objetiva e um vocabulário seco e sem rodeios, que seriam a tônica de sua obra. Moravia também publicou muitos romances, como "A Desobediência", "A Romana", "O Conformista" e "1934", entre outros. Escreveu ainda livros de contos, ensaios e

peças teatrais. Várias de suas obras foram adaptadas para o cinema. Era admirador do estilo teatral de Dostoiévski, de quem foi leitor assíduo na adolescência, e dizia que seu ideal literário era fundir a técnica teatral com a da narrativa.

Foi agraciado em 1952 com o prêmio literário Strega, um dos mais prestigiosos da Itália.

ADRIANA MARCOLINI é autora da dissertação de mestrado em literatura italiana na USP "O Brasil nos Relatos de Jornalistas Italianos".